

Delors quer cooperação reforçada na Europa



Tolerância zero na segurança do primeiro-ministro, que ouvia 'What a wonderful world'



CONFERÊNCIA O ex-presidente da Comissão Europeia considera que a Europa tem de criar as condições para a retoma em Portugal

O antigo presidente da Comissão Europeia Jacques Delors (1985-1995) defendeu ontem, em Lisboa, "uma Europa que tenha com um ideal comum de paz, de fraternidade e de equilíbrio social, com uma união económica e monetária mais coesa".

O político de 88 anos que falava numa conferência na Gulbenkian, subordinada ao tema "Prioridade: Consolidar a União Económica e Monetária", referiu a respeito das dificuldades [para os problemas do país], mas é parte da solução", lembrando a sua frase por altura da assinatura do Tratado de Maastricht, "ajuda-te a ti próprio e a Europa ajudar-te-á". E acrescentou que "a Europa tem que criar as condições que deem

Europa, da retoma". Para o antigo presidente da Comissão, a Europa enfrenta três choques: o das soberanias, o da globalização e o dos serhos humanos, "que têm que ser retratados", referindo-se à "ideologia do ditadouro rei", em que cíamos, e que "levou também a uma crise truída", aguardando-se agora "a Europa, da retoma". Para o antigo presidente da Comissão, a Europa enfrenta três choques: o das soberanias, o da globalização e o dos serhos humanos, "que têm que ser retratados", referindo-se à "ideologia do ditadouro rei", em que cíamos, e que "levou também a uma crise moral".

Para Delors, "a cooperação é o que falta" na união económica e monetária, que "está só a funcionar numa perna, a monetária, enquanto que a económica". E criticou a passagem apressada para o euro, quando na sua opinião "devíamos ter preparado essa passagem num espaço de três ou quatro anos" insistindo que "hoje, o problema é essencial é repor esta estrutura da Europa económica e monetária".

Passos sem "medo dos portugueses"

Balanço. PM analisou os dois anos de governação, afirmou não recuar julgamentos eleitorais e apontou responsabilidades a Sócrates

OCTAVIO LOUSADA OLIVEIRA

"Não fazemos tudo bem, mas fazemos tudo o que podemos pelo País. Não tenho medo dos resultados das eleições autárquicas, das europeias, nem dos portugueses e do seu julgamento." Palavras de Passos Coelho, ontem, na apresentação da candidatura de Carlos Silva à Câmara Municipal da Amadora. Mas, antes disso, a ideia deixada pelo primeiro-ministro e pelo seu staff esteve longe de ser essa.

Para controlar pouco mais de 30 pessoas que se avolumaram junto ao Auditório dos Recreios foi montado um enorme dispositivo de segurança – entre agentes da PSP, polícias à paisana, corpo de intervenção e seguranças pessoais. Mesmo sem qualquer protesto previamente convocado fomos rompidos a circulação na Avenida Santos Matos, mas já a larga distância de metros o controlo do trânsito foi bastante apertado. Quando Passos Coelho finalmente chegou, ouviu-se uma monumental vaia, com as expressões "gatuno" e "enganaste-nos" a serem as mais facilmente perceptíveis.

Imune ao ambiente hostil, o chefe do Governo dirigiu-se à mesa de honra e ouviu um saxofonista, por ironia, tocar o clássico "What a Wonderful World" – Que mundo maravilhoso, em português –, celebrizado por Louis Armstrong.

Já na sua intervenção, perante

uma plateia maioritariamente do PSD – o CDS esteve representado pelo secretário-geral, António Carvalho, e pelo presidente da distrital de Lisboa, Telmo Correia –, Passos analisou os quase dois anos de governação, colocando a maior parte das responsabilidades no Executivo de José Sócrates. "No dia em que pedia mais sacrifícios aos portugueses e comunicava um

DELIBERAÇÃO

ERC repreva atitude do segurança de Passos

► A Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) condenou a "tentativa do chefe de segurança do primeiro-ministro de impedir a recolha de imagens" do repórter Jaime Franco (TVI) na deslocação de Passos Coelho ao ISCSP, a 26 de setembro de 2012, onde este foi recebido sob fortes protestos. No documento emitido, a ERC refere que o acontecimento se revestia de "interesse público noticioso", lamentando aquilo que diz ser "uma restrição ilegítima ao exercício do direito de informação". O organismo recorda ainda "a importância da liberdade de imprensa enquanto fator essencial da democracia".

DIREITO DE RESPOSTA

Outros casos: "Condenado por burlar ministério da irmã"

Ao abrigo da Lei de Imprensa n.º2/99, de 13 de janeiro, artigos 24.º, 25.º e 26.º, o DN recebeu de José Manuel Couceiro da Costa Pizarro Beleza o Direito de Resposta ao artigo "Condenado por burlar ministério da irmã", publicado a 23 de maio de 2013, o qual aqui reproduzimos:

É falso que tenha sido julgado à revelia. Regressou ao País logo que foi designada a data para ser ouvido pelo juiz de instrução. Falso, também, que a pena tenha sido julgada inconstitucional. Todo o julgamento foi anulado por ordem do Supremo Tribunal de Justiça e mandado repetir. O processo-crime prescreveu sem que esse julgamento se comple-



Jacques Delors esteve reunido com Cavaco Silva em Belém

DN nunca noticiou a absolvição, junto a esta carta cópia da conclusão da sentença proferida pela 2.ª Vara Civil de Lisboa em 23 de março último.

NOTA DA DIREÇÃO: O DN publica todos os pedidos de direito de resposta e de esclarecimento

conforme determina a lei. Tal não significa que não mantenham a informação publicada.